

SEMIÓTICA DAS CULTURAS E CIÊNCIAS DA CULTURA EM FRANÇOIS RASTIER

Por **Maria de Fátima Barbosa de M. Batista e Flaviano Batista do Nascimento**,
tradução do original do francês *Sémiotique des cultures et sciences de la culture*
chez François Rastier, escrito por **Driss EL KHATTAB, Faculdade de Letras ,**
Mohammedia Casablanca – Marrocos (Khattab_dr@yahoo.fr), publicado na Acta
Semiotica et Linguística, Volume 23 - Ano 42 - Nº2 - Julho a Dezembro de 2018.

RÉSUMÉ. L'objet de cette contribution est l'opposition entre «sciences de la culture» et «semiótica des cultures». Nous tenterons de mettre en exergue la position de François Rastier quant aux aspects épistémologiques et méthodologiques de ces deux types de savoirs en sciences humaines et sociales. Les deux objets visant la culture ont un programme unificateur et jouissent d'une validité épistémologique. Il s'avère que la vocation fédératrice revient aux sciences de la culture et que la définition d'une perspective proprement sémiotique sur la culture est un chantier de la recherche dans l'avenir.

Mots-clés : Sémiotique. Sciences de la culture. Épistémologie. Méthodologie. Fédération. Unification. Disciplines. Texte. Sens.

RESUMO. O objeto dessa contribuição é a oposição entre «ciências da cultura» e «semiótica das culturas». Procuraremos destacar a posição de François Rastier sobre os aspectos epistemológicos e metodológicos desses dois tipos de conhecimento nas ciências humanas e sociais. Ambos os objetos têm para a cultura, um programa unificador e possuem validade epistemológica. Acontece que a vocação unificadora remonta às ciências da cultura e que a definição de uma perspectiva propriamente semiótica da cultura é um lugar de pesquisa no futuro.

Palavras-chave: Semiótica. Ciências da cultura. Epistemologia. Metodologia. Reunião federativa. Texto. Significado.

1. Introdução

A semiótica conheceu um desenvolvimento notável que se efetuou na passagem de uma semiótica do signo a uma semiótica do texto. Em seguida, ela procurou dar conta da cultura. Entretanto, outra corrente de pensamento foi constituída desde o século dezoito, proclamando que seu objeto de pesquisa é o conjunto dos fatos culturais e suas diversas manifestações nas sociedades humanas: trata-se das ciências da cultura. Nesta comunicação, tentamos colocar em epígrafe a posição de François Rastier quanto aos aspectos epistemológicos e metodológicos desses dois tipos de saberes em ciências humanas e sociais, Examinamos o programa federativo das ciências da Cultura e aquele da semiótica das culturas. Qual das duas apresenta uma validade epistemológica?

2. Semiótica das culturas: objeto e métodos

A semiótica das culturas ou da cultura é uma corrente de pensamento que deu origem a duas abordagens que se caracterizaram por uma grande produção científica, por proposições interessantes na experiência de análise dos objetos culturais. Essas duas abordagens são constituídas pela Escola de Moscou-Tartu e a Escola de Paris. A primeira abordagem tende a vincular a semiótica à literatura comparada e busca analisar os textos, levando em consideração culturas específicas, como a cultura russa. A segunda privilegia a linguística, concebida como um modelo de análise que permite religar textos às culturas. Esta abordagem é representada por Greimas, Rastier, Fontanille e outros. Acentuamos a Escola Francesa, de que examinamos duas questões epistemológicas: a primeira diz respeito aos objetos problemáticos da semiótica das culturas em Rastier e a segunda trata da questão da oposição entre as noções “semiótica das culturas” e “ciências da Cultura”.

É possível distinguir três concepções que estão vinculadas à noção de semiótica das culturas. A primeira está integrada à esfera da semiótica geral ou discursiva. Greimas (1966) aparece como sendo o representante dessa corrente. Ele postula que o objeto da semiótica é um objeto empírico que é formado por um largo leque de textos e das culturas que os englobam. A cultura aparece como um fator disseminado no texto. Nesta perspectiva, Greimas (1979) admite que as formas semióticas são formas significantes. Em sua abordagem do texto, o princípio da imanência é um princípio aberto que permite estudar o texto a partir dele mesmo, como também mostrar suas ligações com a cultura ambiente, tornando possível a constituição de uma semiótica das culturas. Por outro lado, Greimas (1984) declara que o objeto da semiótica é a cultura, em geral, embora seu objeto permaneça indefinido. Disso, deduzimos que os fatos culturais estão inscritos no texto sob a forma de modelos conceituais e ideológicos.

A segunda concepção é desenvolvida por Jaques Fontanille (2004/ 2013) que tenta fundar uma semiótica das culturas com base numa hierarquia de signos e propõe, deste fato, análises a partir de noções teóricas, tais como aquela de “processo” e de nível de “pertinência semiótica”. Parece que, nesta movência, o conceito central é a pertinência. Fontanille (2004) coloca, em jogo, uma abordagem que é oriunda dos seus trabalhos efetuados, outrora, ainda em colaboração com Greimas. A semiótica considerada reflete, de alguma forma, o percurso das preocupações sucessivas de duas ou três gerações de semioticistas. O autor se distingue, por outro lado, pelas inovações teóricas e metodológicas que tendem a dar conta dos fatos culturais na sociedade moderna. Este percurso o conduziu a estabelecer um conjunto de distinções fundadoras de uma semiótica das culturas. Nesta perspectiva, ele prevê níveis de análise, a fim de estabelecer uma hierarquia metodológica da análise e da percepção dos objetos constitutivos da cultura¹. Entretanto, o modelo acima se limita à descrição das articulações das performances semióticas; ele não propõe uma teoria completa e independente. Estimamos que a semiótica das culturas

1. Fontanille (2004, p.2) distingue, deste fato, «dois níveis de experiência de que decorrem dois tipos de entidades pertinentes: a experiência figurativa (e icônica), da qual se extrai, de um lado, como grandezas pertinentes de expressão, os signos e, de outro lado, a experiência textual (e intencional-interpretativa), da qual se extrai como grandezas pertinentes da expressão os textos-enunciados». O autor, em seguida estabelece seis níveis que lhe parecem pertinentes na semiótica das culturas, quais sejam: «os signos ou figuras, os textos enunciados, os objetos, as cenas e práticas, as estratégias, e as formas de vida; em cada nível, o princípio de pertinência distingue uma instância formal-estrutural e uma instância material sensível» (2004, p. 14). Este arsenal, conceitual e metodológico, é minuciosamente apresentado para operar as comutações, as segmentações e as catálises, operações necessárias para apreender os significados e os valores

defendida por Fontanille é uma semiótica geral, alimentada pelos elementos analíticos das semióticas particulares como a da música, das sensações, do gosto etc.

Quanto à terceira concepção, é promovida por François Rastier que, partindo do postulado de que a linguística é uma semiótica das línguas, considera que a semântica dos textos ou semântica textual é a estrutura proposta para a descrição e análise de todo gênero de textos. F.Rastier (1996, 2001a, 2002a) sustenta a hipótese de que a linguística se tornou o núcleo fundador da semiótica moderna, por meio de seu projeto científico que a separa da filosofia e mediante sua epistemologia derivada das ciências históricas e comparativas.

O autor admite que a semiótica das Culturas constitui o domínio do saber que foi fundado por linguistas como Saussure e Hjelmslev e que religa as características das línguas àquelas dos sistemas de signos e das formações culturais que Cassirer nomeou “as formas simbólicas”, Diferentemente de Greimas e Fontanille, a abordagem de Rastier se distingue pela elaboração de uma teoria semântica dos textos e das performances semióticas e pela redefinição dos conceitos teóricos e metodológicos. O modelo, defendido pelo autor em inúmeros escritos, notadamente nas obras *Sentido e textualidade e Arte e ciências do texto*, foi baseado numa teoria semântica que conduz ao projeto das ciências da cultura.

Lembremos que a semiótica trata, entre outros dos objetos seguintes: (a) o sistema de signos não linguísticos; (b) o conjunto dos princípios comuns às línguas e aos sistemas de signos não linguísticos (Hjelmslev, Greimas); (c) o estudo da maneira como o mundo faz signos (Eco); (d) o estudo do mundo animal². A ruptura com as propostas formalistas da forma como elas foram desprezadas por Greimas constituiu o acontecimento que levou a semiótica a se orientar em direção ao estudo dos signos culturais. Recusando as abordagens reducionistas que estão centradas no signo, Rastier propôs a teoria da semântica dos textos, na qual ele especifica a relação entre o sentido e o signo³.

Em seu livro *Artes e ciências do texto*, Rastier criticou a semiótica tal como é concebida por Greimas, constatou que ela não poderia elaborar um aparato teórico específico aos textos e, além disso, não poderia ultrapassar a fase de texto. O autor procurou demonstrar os limites de seus mecanismos de análise, baseados, principalmente, no conceito de percurso generativo que deduz o sentido textual da significação⁴. A semiótica é levada, a seus olhos, a produzir teorias do sentido, porque, até agora, ela apenas colocou em prática teorias da significação. De maneira geral, a semiótica contemporânea não produziu uma teoria do texto compatível com uma

2. Rastier, (1996, p.48-49).

3. Nesta perspectiva, Rastier (2001a) operou uma redefinição dos conceitos fundadores da semiótica e considera que o signo não pode ser o objeto da interpretação pelo fato de que foi cortado de seus contextos. O autor sublinha, de fato, que «o signo não pode ser *interpretado*, porque o isolar corta-lhe, precisamente, de suas condições de interpretação e de seu contexto» (2001a, p.103). Ele considera, além disso, que a semiose não é a relação que se instaura entre significante e significado, e o significante não é o ponto de partida na pesquisa semiótica. Ele considera que a semiosis, que é definida graças à noção de percurso interpretativo, «deve estar relacionada aos dois planos do conteúdo e da expressão dos textos e das outras performances semióticas» (Ibid.p.103). Nesta abordagem «as relações que constituem os sentidos vão de significado em significado, como também dos significados em direção aos significantes; assim, a semiose se define como uma rede de relações entre significados no seio do texto, considerando os significantes como *interpretantes* que permitem construir algumas destas relações» (ibid. p.103-104).

4. “o sentido não é dado por uma codificação prévia que associaria, estritamente, um significante e um significado ou uma classe de significados (porque a língua não é uma nomenclatura): ele se produz em percursos que discretizam e unem significados entre si, passando por significados” ibid. .p.104..

problemática retórico-hermenêutica⁵. O autor propôs, em contrapartida, a semântica dos textos, que se integra ao paradigma retórico-hermenêutico. Assim, o pensamento de Rastier pode ser resumido da forma seguinte: a teoria da semântica dos textos faz parte da semiótica das culturas que, em última análise, conduz às ciências da cultura.

No plano epistemológico, Rastier (2001a) questiona o estatuto da semiótica ao considerar que “a onipresença dos signos impossibilita a constituição da semiótica como disciplina”⁶. As culturas semióticas, também, “não se constituíram como uma disciplina autônoma”⁷. Essas afirmações levam o autor a manter para esta, apenas, uma vocação epistemológica: “federar as ciências da cultura em torno dos conceitos de linguagem e de interpretação”⁸. Tal vocação coloca a semiótica das culturas em competição com as ciências da cultura, que também, elas próprias federam as ciências humanas e sociais em geral e os fatos da cultura em particular. Antes de continuarmos nossa análise dos fatos epistemológicos relativos ao estatuto da semiótica, apresentamos, ainda que sumariamente, as características gerais das ciências da cultura. Qual é o objetivo desse conhecimento? E quais são suas relações com a semiótica das culturas?

3. Ciências da cultura: objeto, métodos e objetivos

As ciências da cultura é um projeto científico que surgiu no final do século XVIII e se fortaleceu com a disciplinarização que se seguiu ao surgimento das universidades no século XIX. Três significados podem ser dados a essa noção⁹.

- a. As ciências da cultura referem-se à pesquisas em ciências humanas que lidam com a mente;
- b. As ciências da cultura estão focadas em pesquisas que se baseiam em métodos científicos para darem conta dos fatos da cultura. São disciplinas como linguística, antropologia, paleontologia, etc.;
- c. Constituem uma síntese entre as ciências humanas e sociais, por um lado, e as ciências da vida e da natureza, por outro. Ambicionam, mesmo, imitar as ciências exatas e aspiram unificá-las para dar conta das performances semióticas do ser humano..

A primeira concepção é globalizante e se baseia em considerações filosóficas. Além disso, a cultura é um conceito geral que é estudado por filósofos e epistemólogos em termos do modo de ação clássico da filosofia. A segunda concepção é reducionista, naquilo que as disciplinas que a levam em conta focalizam, a tradição científica obriga, em um aspecto da cultura: a linguagem para a linguística, os ritos, as crenças, o modo de vida das etnias para a antropologia, o entorno dos homens antigos para a paleontologia, etc. enquanto que, na última concepção que nos chamou a atenção e que é o tema central de um trabalho anterior¹⁰, as ciências da cultura se caracterizam

5. Rastier, (1996, p.39).

6. Rastier, (2001a, p.282).

7. *ibid.* p.283.

8. *ibid.* p.284.

9. Cf. El Khattab, (2017, chap. I).

10. Referimo-nos ao nosso último trabalho intitulado “As ciências da cultura” publicado em árabe por Toubkal, 2017, Casablanca, Marrocos.

pela extensão de seus objetos de estudo, pela multiplicidade de disciplinas solicitadas e pela dificuldade em determinar sua identidade. Caracterizam-se, em particular, pela superação da falsa distinção entre humanidades e ciências sociais. Neste contexto, vários campos disciplinares têm apresentado projetos abrangentes, nomeadamente a sociologia de Durkheim, a semiologia de Ferdinand de Saussure, a semiótica da cultura de Lotman e a semiótica das culturas de Rastier. Por uma questão de compromisso, Rastier apela por um caminho federativo que assegure uma epistemologia de complementaridade entre as ciências da natureza, as ciências da vida e as ciências culturais. A posição de Rastier é defender o “modo federativo”, que é, a seu ver, a única perspectiva global capaz de se opor ao computacionalismo. Diante das ciências cognitivas que pretendem naturalizar os fenômenos culturais, as ciências culturais oferecem programas multidisciplinares para dar conta dos mais variados fatos culturais. Com efeito,

“as ciências culturais são as únicas capazes de dar conta do caráter semiótico do universo humano. Para conhecer o humano através do homem, devem reconhecer o papel que ele desempenha nesse conhecimento, não apenas como destinatário crítico de “resultados”, mas como ator dotado de afetos e responsabilidades”¹¹.

Como pudemos constatar, a semiótica das culturas e as ciências da cultura apresentadas acima constituem dois tipos distintos de conhecimento; no entanto, as ciências da cultura têm o *status* de um conjunto de conhecimento do qual a semiótica é apenas uma parte. Esse problema será o assunto da próxima seção.

4. Problemática

Na perspectiva de Rastier (2001), a semiótica das culturas e as ciências da cultura competem em relação ao seu objeto: os fatos da cultura em suas diferentes formas nas sociedades humanas. Então, por que mantemos as duas expressões, “semiótica das culturas” e “ciências da cultura”? A semiótica das culturas é uma disciplina? Ela tem o status de uma ciência ou ciências?

Rastier (2002a, p.8) afirma que:

«a semiótica das culturas não seria propriamente uma disciplina, mas o próprio projeto de redefinição da especificidade das ciências sociais: as culturas abrangem a totalidade dos fatos humanos, até a formação dos sujeitos».¹²

Nessa perspectiva, estamos diante de dois saberes que se distinguem pela recusa da especialização e que se posicionam como projetos científicos cuja função é federar as ciências sociais e os fatos da cultura. Assim, parece necessário especificar o uso das duas expressões. O autor observa que a noção de “ciências da cultura” é emprestada de Cassirer (1942), e a de “semiótica das culturas” remete à Escola de Tartu-Moscou¹³. Em um artigo publicado na revista *Linx* (2001), Rastier levanta a questão do estatuto das duas formas de conhecimento e examina a dualidade terminológica. O problema que se segue gira em torno de duas concepções:

11. Rastier, (2002a, p.4).

12. Rastier, (2002a, p.8).

13. Cf. Rastier, (2002a, p.4).

- a. A semiótica das culturas faz parte da semiótica geral. A ela interessa, fundamentalmente, os textos que seguem os princípios metodológicos estabelecidos pela semântica dos textos. Quando persegue um objetivo de caracterização, a semiótica das culturas tem o *status* de um campo de saberes derivados da linguística. O autor se posicionou em relação ao grande número de abordagens e teorias semióticas. Adotou, assim, a metodologia da percepção do sentido através do *corpus*, recusa as semióticas universais e a filosofia do sentido. Para dar conta das culturas, tende a promover a semiótica comparativa e diferencial.
- b. A semiótica das culturas é um projeto global e mais geral que as ciências da cultura, uma vez que sua função epistemológica consiste em federar as ciências da cultura. É nessa perspectiva que ela não é concebida como uma disciplina.

Forçoso é constatar que esta mesma função sublinhada em (2) foi observada em Lotman (1993) que propôs um projeto epistemológico, fundado na interdisciplinaridade e no estabelecimento de vínculos entre diferentes campos das ciências humanas e sociais. Concebida como a ciência das ciências, a semiótica das culturas assumirá a função de reagrupar as disciplinas das ciências humanas e sociais, sem unificá-las, exercerá um controle crítico sobre o caráter cultural de seus objetos e determinará de alguma forma seus objetivos. Tal semiótica não é uma disciplina, pois é desprovida de critérios de avaliação, além disso, caracteriza-se por sua abertura a diversos campos das ciências humanas e sociais. “Abre-se assim, por um lado, à etologia das sociedades humanas, por outro, a uma filosofia das formas simbólicas”¹⁴. Esta argumentação leva à dedução de que a semiótica das culturas é uma semiótica geral que define o campo onde a linguística, a iconologia, a musicologia e as demais ciências semióticas mantêm relações estreitas em termos de métodos multidisciplinares. Assim, a multidisciplinaridade constitui um ponto de mudança na metodologia contemporânea das ciências humanas e sociais. Federar ou unificar ciências e abordagens parece um empreendimento atraente, mas qual é o lugar das culturas semióticas nesse empreendimento? E como resolver o problema mencionado acima?

5. A semiótica federativa

A hipótese da semiótica federativa estipula que ela inclua as ciências da cultura e assuma responsabilidades para com elas, como a do controle crítico do saberes, voltados para as culturas. Rastier (200a) apresenta dois argumentos a favor dessa hipótese:

1. O programa de ciências da cultura já está integrado em algumas disciplinas das ciências humanas e sociais. De fato, o autor observa que seu programa encontra sua origem no programa antropológico de Humboldt, por um lado, e na pesquisa semiótica, por outro. No primeiro caso, baseia-se na caracterização dos grupos humanos e das línguas (Rastier, 2002a, p.4); no outro, na onipresença dos signos e sua diversidade no mundo semiótico¹⁵

14. Cf. Rastier, (2002a, p.9).

15. Rastier sublinha a importância dos fatos semióticos na caracterização da espécie humana em oposição à espécie animal, nesses termos: « A inovação e sua transmissão não são suficientes para definir a especificidade das culturas humanas; é a diversificação e a auto-reflexão das práticas técnicas e semióticas que as distingue », (Rastier, 2002a, p. 5).

2. “É o reconhecimento da especificidade e da relativa autonomia do mundo semiótico que permite delimitar o campo das ciências da cultura”¹⁶.

Estas hipóteses suscitaram discussões, cuja importância merecem ser recuperadas nesta comunicação. Com efeito, Fontanille (2004) considera que outros saberes relacionados com as ciências humanas e sociais podem assumir a função unificadora que Rastier (2001, 2001a, 2002a) tende a atribuir à Semiótica das culturas. O autor mencionou a sociologia da ciência, a filosofia do conhecimento e a psicologia cognitiva. Segundo ele, a semiótica geral pode-se opor a algumas propostas complementares. Pode-se, diz ele, federar as ciências da cultura de duas maneiras: a) elaborando uma definição clara e precisa dos fenômenos culturais que abrangem todos os objetos produzidos pela atividade humana. O autor lembra que a Escola de Tartu foi a precursora no que diz respeito à proposta de um modelo de semiótica geral dos fatos culturais, integrando todas as ciências sociais. Este modelo é baseado no princípio da semiosfera. b) É preciso federar não apenas as práticas de análise de objetos culturais, mas também os tipos de objetos culturais, definidos por suas propriedades semióticas discursivas. Essas propriedades, acredita Fontanille (2013), são apresentadas como classes de experiência cultural correspondentes a níveis de fenomenalidade. Fontanille critica Rastier por limitar sua semiótica aos textos e por não hierarquizar os objetos culturais. É por isso que ele indica, em termos de argumentação, que os semióticos-objeto que constituem as culturas são diversas, aludindo aos tipos semióticos que ele estudou: figuras-signos, textos-enunciados, objetos-suportes, práticas, estratégias e formas da vida. Mas as ciências da cultura são saberes globalizantes e englobam as diferentes disciplinas ou *corpos* de saberes evocados por Fontanille. Devemos examinar as especificidades das ciências da cultura para perceber isso. A seção a seguir trata dessa questão que ainda está em sua infância

6. Especificidades das ciências culturais

As ciências da cultura são evocadas nos primeiros escritos dos filósofos da primeira metade do século XX. Trata-se de abordagens epistemológicas (Dilthey, Cassirer, Weber, em particular) que se esforçam para destacar as características que se sobressaem nas ciências da cultura em relação às ciências da natureza. Com efeito, esses autores enfatizam que: (a) as ciências da cultura pertencem ao campo da crítica histórica; (b) têm o status de ciências hermenêuticas ou interpretativas; (c) estão preparadas para dar conta no plano metodológico da descrição dos fenômenos; (d) caracterizam-se pelo rigor de seus métodos; (e) constituem ciências idiográficas e não nomotéticas pelo fato de visarem, entre outras coisas, à singularidade dos objetos representados, em particular, pela obra de arte não reproduzível; (f) são ciências de valores e não de fatos.¹⁷

Na obra de Rastier, o acento é colocado na complexidade do objeto de estudo, ou seja, a cultura que é considerada na tradição ontológica como uma totalidade, é um tema global, que não é fechado, nem estático. Rastier (2002a, p. 6) prefere a concepção não ontológica de totalidade, “porque uma cultura nunca é autossuficiente e, mesmo em condições de isolamento, desenvolve-se a partir de uma história compartilhada”. Seguindo o método praxeológico, o autor sublinha

16 Rastier, (2002a, p.9).

17 Para mais informações sobre as especificidades das ciências da cultura, cf. El Khattab, 2017, c.1 e 13

que as culturas só podem ser descritas diferencialmente, através dos elementos tangíveis e reais que as compõem, a saber, as línguas e textos.¹⁸

No plano epistemológico, as ciências da cultura, desde muito tempo, procuram se legitimar ao imitar os métodos vigentes nas ciências da natureza e da vida, entre eles a antropologia de C. Levi STRAUSS e a linguística de Ferdinand de SAUSSURE. A síntese das ciências humanas e das ciências da natureza deu origem a novas disciplinas, como a sociobiologia, a antropologia neodarwiniana, a biopolítica, a paleoantropologia, etc. As ciências da cultura seguiram, igualmente, o caminho das ciências lógico-formais ao propor modelos, observados na economia e na linguística. Nessa síntese, tantas vezes evocada pelas ciências da cultura, o problema que se coloca é o dos “deslocamentos” dos conceitos, dos modos de conduzir e das teorias de uma disciplina a outra. Muitas vezes, são os saberes das ciências humanas que têm dificuldade para “integrar” os conceitos e dispositivos metódicos¹⁹ relativos às ciências naturais. Assim, elas se resignam a seguir a estratégia de objetivação e interpretação..

Na tentativa de extrair as especificidades das ciências da cultura²⁰, constatamos que os critérios fundamentais das ciências do texto (Rastier 2001) são os mesmos critérios que o autor aspira aplicar a todas as ciências da cultura. Esses critérios são:

- a. *a leitura de textos*: trata-se de uma leitura que se baseia em dois princípios, o princípio filológico e o princípio hermenêutico. Ligada à semântica dos textos, a leitura produtiva consiste em montar semas, levando em consideração o contexto. A leitura dos textos, seguindo esse modo interpretativo²¹, permite caracterizar as demais performances semióticas;
- b. *a descrição*: é uma das especificidades das ciências da cultura que tende a descrever os valores e não os fatos, sem fazer juízos de valor.
- c. *o estudo da diversidade*: com o qual, queremos dizer, é ir além da diversidade das línguas, raças, comportamentos, ritos, etc. Humboldt foi um dos primeiros a desviar a pesquisa em ciências humanas do universal para o particular.
- d. *a objetividade do sentido*: o sentido é um nível de objetividade que pode ser analisado em traços semânticos que são momentos estabilizados dentro de percursos interpretativos. É tentador antecipar que todas as ciências da cultura podem estar sujeitas a esse modo de interpretação, pois a problemática interpretativa vai além dos textos e pode se estender a outros objetos culturais como as imagens;

18. Rastier, (2002a, p. 6).

19. Cf. Grawitz, (2001, p. 106 et ss.)

20. Cf. EL Khattab, 2017, chap. 13.

21. É um sistema interpretativo que está fundamentado sobre a semântica textual (Rastier, 1989, 2001a) que se desvia das preocupações ontológicas da linguística. O sentido de um texto é mais construído que dado. Nestes casos, a significação não é repercutida no mundo; a semântica desenvolvida pelo autor é uma semântica deontológica; ela se inscreve na tradição de Saussure que identifica os significados em termos de valor e de diferença. Uma tal semântica é descrita assim como sendo uma semântica diferencial.

- e. *o critério diferencial*: a semiótica das culturas é fundamentalmente diferencial e comparativa²², pois “uma cultura só pode ser compreendida do ponto de vista cosmopolita ou intercultural”²³.

As ciências da cultura tendem a dar conta dos comportamentos humanos, baseando-se em *corpora* que focalizam os processos e, na tentativa de apreender fenômenos e produções humanas, inclusive textos, evitam a referência a ontologias. Assim, as ciências das culturas visam, segundo Rastier (2002a), a diversidade cultural para impedir a globalização dos saberes e seguir o caminho dos métodos interpretativos diante da computação dos conhecimentos. Tudo isso mostra que esse conhecimento merece assumir a função federativa.

6. Conclusão

Tentamos especificar as duas noções a de “semiótica das culturas” e a de “ciências da cultura”; apresentamos as características epistemológicas das duas formas de conhecimento, mas nenhuma dessas expressões é adequada ao propósito defendido por Rastier. Acontece, no entanto, que a questão da relação entre os dois tipos de conhecimento é problemática: nosso estudo revelou que a disciplinarização da semiótica não é um bom empreendimento e que é o programa coletivo das ciências da cultura que conta. Os escritos de Rastier mostram que ele é federalista; o autor considera que a semiótica das culturas é fechada sobre si mesma. Acreditamos que esta não está madura o suficiente para competir com as ciências da cultura em sua vocação unificadora (ou federativa). Parece que a definição de uma perspectiva propriamente semiótica sobre a cultura é um campo de pesquisa no futuro.

7. Referências Bibliográficas

- CASSIRER, E. (1942), *Logique des sciences de la culture*, trad.fr. 1991, Paris, Cerf.
- DILTHEY, W., (1942), *Introduction à l'étude des sciences humaines : essai sur le fondement qu'on pourrait donner à l'étude de la société et de l'histoire*, PUF.
- DILTHEY W., (1947), *Le monde de l'esprit*, Paris, Aubier (édition originale en langue allemande, 1925).
- ECO, U., (1984), *Semiótica et philosophie du langage*, PUF.
- ECO, U., (1987), « Notes sur la semiótica de la réception », in *Actes sémiotiques*, documents, IX, 81, pp.5-27.
- ECO, U., (1988), *Le signe*, éd. Labor, Le livre de poche, biblio essais, LP10. ECO, U., (1994), *Les limites de l'interprétation*, le livre de poche.
- FONTANILLE, J., (2004), « Textes, objets, situations et formes de vie : les niveaux de pertinence de la semiótica des culturas », ms, publié dans *Revista dell'Associazione Italian di studia Semiotici*, 22 pages.

22. A noção de «diferença» foi emprestada da abordagem estrutural, embora esta «comparação» seja proveniente do método histórico e comparativo que estava em voga no século XIX.

23. Rastier (2002a, p.5).

- FONTANILLE, J., (2008), *Pratiques sémiotiques*, PUF.
- FONTANILLE, J., (2013), « La semiótica est-elle un art ? », ms. 17 pages. GRAWITZ, M., (2001), *Méthodes en sciences sociales*, Dalloz.
- GREIMAS, A.J., (1966), *Sémantique structurale*, Larousse.
- GREIMAS, A.J., (1977), « La semiótica », in CAUSSAT, P. et al. (1977), *La linguistique*, collection encyclopédique, Larousse, pp.223-229.
- GREIMAS, A.J., et J. COURTES, (1979), *Sémiotique. Dictionnaire raisonné de la théorie du langage*, Hachette.
- GREIMAS, A.J., (1984), « Entretien réalisé par J. Fontanille », *Langue française*, n° 61, pp.121-128.
- GREIMAS, A.J. et LANDOWSKI, E., (1997), *Semiótica et sciences sociales*, Hachette.
- RASTIER, F., (1989), *Sens et textualité*, PUF.
- RASTIER, F., (1996), « Problématique du signe et du texte », *Intellectica*, n° 23, pp. 11-52.
- RASTIER, F., (2001), « Semiótica et sciences de la culture », *Linx*, 2001, n° 44-45, pp. 149-168.
- RASTIER, F., (2001a), *Arts et sciences du texte*, PUF.
- RASTIER, F. et BOUQUET, S., (2002), *Une introduction aux sciences de la culture*, PUF.
- RASTIER, F., (2002a), « Pluridisciplinarité et sciences de la culture » in Rastier et Bouquet, eds. *Une introduction aux sciences de la culture*, Présentation, pp.1-10.
- RASTIER, F., (2004), « Sciences de la culture et post-humanité », ms. 22 pages.
- RASTIER, F., (2008), « Semiótica et linguistique du corpus », *Signata*, ms, 33 pages.
- RASTIER, F., (2009a), « L'évolution aujourd'hui : à la croisée de la biologie et des sciences humaines », Actes du colloque des 29, 30 et 31 janvier 2009 à l'Académie royale de Belgique, imprimerie Communications s.p.r.l., Louvain-la-Neuve, pp.231-250.
- RASTIER, F., (2010b) « Objets et performances sémiotiques : l'objectivation critique dans les sciences de la culture », colloque sur *l'homme sémiotique*, Namur, 19-21, in texto, Vol. XVI, n°1. 31 pages
- RASTIER, F., (2012), « Sémantique des textes, concepts et application », in EL KHATTAB, D et I. ZELLOU, (coordination), Sciences du texte et problèmes d'interprétation, *Cahiers de la Recherche Scientifique*, n°8, Faculté des lettres, Mohammedia, pp. 11-42.